

13 JAN 1937

Jornal de Brasília 2 de Dezembro de 1986

05
Energia UHE/
Xingu

Hidrelétrica no Xingu contraria planejamento

Sem qualquer discussão, nem mesmo com as áreas técnicas correspondentes, o governo decidiu investir algo entre 20 e 30 bilhões de dólares na construção do complexo hidrelétrico de Babaquara-Cararaô, no rio Xingu, para suprir o déficit energético de São Paulo. A decisão põe por terra o plano anterior de construir um conjunto de médias hidrelétricas nos rios Araguaia e Tocantins, a primeira das quais, a de Santa Isabel, já se acha com os estudos concluídos, ao custo de 36 milhões de dólares.

O complexo do Xingu, constituído de duas hidrelétricas, produzirá cerca de 12 milhões de KW, o mesmo que Itaipu.

Perplexidades

Setores técnicos consultados pelo *Jornal de Brasília* manifestaram grande apreensão em face das dúvidas que persistem com relação às hidrelétricas do Xingu. A primeira delas refere-se ao preço. O governo está trabalhando com a hipótese de construir essas usinas a um custo de 12 mills (milésimos de dólar) por KW/hora, enquanto a hidrelétrica de Tucuruí custou aproximadamente 33 mills, e a de Santa Isabel (no rio Araguaia), cujos estudos já se acham concluídos, custará 20 mills. Os custos reais de Itaipu não são conhecidos sequer pelo próprio governo.

— Ninguém, em sã consciência, pode acreditar se possa construir no Brasil uma hidrelétrica desse porte a um custo tão baixo, muito inferior à experiência internacional e à própria experiência do país —, afirmaram especialistas da área. A experiência, aliás, indica o contrário: "Ironicamente, no Brasil, a economia de escala não se tem verificado na área hidrelétrica. Ao contrário, quanto maior a obra maior tem sido o seu custo unitário".

Números tão baixos — dizem os especialistas — só podem ser explicados pela sistemática brasileira de concorrência pública, que permite sucessivos reajustamentos

até que os preços finais se igualem ou superem os preços reais.

Transmissão

Outra séria dúvida levantada pelo meio técnico relativamente ao complexo do Xingu refere-se à transmissão em corrente contínua através de 3.000 quilômetros de rede, até São Paulo. O país ainda não tem tecnologia para construir essa linha de transmissão, tanto que a única experiência já tentada — a linha de Itaipu a São Paulo, com apenas 1.000 quilômetros — ainda não foi resolvida. A transmissão em corrente alternada, cuja tecnologia o Brasil domina, não é possível em longas distâncias.

— Se o país não tem tecnologia a respeito dessa transmissão, como poderá estimar seu custo? — Indagam os técnicos.

O complexo do Xingu foi, assim, aprovado pelo governo sem que se saiba qual será o custo da transmissão.

Hidroviás

A decisão de construir as usinas de Babaquara-Cararaô importou na suspensão da usina de Santa Isabel, sem a qual não são viáveis as demais usinas previstas para a bacia do Araguaia-Tocantins. O cancelamento, de fato, dessas usinas tem uma consequência adicional: cai por terra o plano da Portobrás de introduzir a navegação fluvial no Araguaia, em função da qual já foram gastos 200 milhões de dólares com asclusas de Tucuruí.

Todos os aspectos polêmicos da decisão tomadas se centram, na opinião da maioria dos técnicos consultados pelo *Jornal de Brasília*, no caráter quase sigiloso de que se revestiu o processo de decisão. Não houve discussão técnica nem política em torno de um empreendimento que, além de revestir-se de grande incerteza relativamente a aspectos fundamentais da sua operacionalidade, importará em custos finais, não inferiores a 20 bilhões de dólares, cerca de 20% da dívida externa brasileira.